

A questão da interdisciplinaridade

Hilton Japiassu

Em nossos dias, o conhecimento interdisciplinar tem aparecido como uma espécie de panacéia vindo superar as estreitezas e a miopia do conhecimento disciplinar ou indisciplinado. De lato, tem se tornado preocupante o estado lamentável do esfacelamento do saber. Por toda parte surge a exigência de, pelo menos, um diálogo ecumênico entre as várias disciplinas científicas. Porque ninguém mais parece entender ninguém. Mas esta exigência nada mais faz
5 *que revelar a situação patológica em que se encontra o saber. A especialização sem limites culminou numa fragmentação crescente do horizonte epistemológico. Chegamos a um ponto que o especialista se reduz àquele que, à causa de saber cada vez mais sobre cada vez menos, termina por saber tudo sobre o nada. Neste ponto de esmigalhamento do saber, o interdisciplinar manifesta um estado de carência. O saber em migalhas revela uma inteligência esfacelada. O desenvolvimento da especialização dividiu ao infinito o território do saber. Cada*
10 *especialista ocupou, como proprietário privado seu minifúndio de saber, onde passa a exercer, ciumenta e autoritariamente, seu mini-poder. Ora, ao destruir a cegueira do especialista o conhecimento interdisciplinar vai recusar o caráter territorial do poder pelo saber.*

De um modo geral, repete-se que o futuro pertence às pesquisas interdisciplinares. De fato, elas são muito difíceis de ser organizadas. Por causa de ignorâncias recíprocas por vezes sistemáticas. Em nosso
15 sistema escolar (e universitário), encontram-se ainda relegadas ao ostracismo. Por causa dos arraigados preconceitos positivistas que ainda cultivam todo tipo de epistemologia da dissociação do saber. Sob esse aspecto, ensina-se um saber bastante alienado e em processo de cancerização galopante. Seus horizontes epistemológicos são demasiado reduzidos. Ademais, ensina-se um saber fragmentado que constitui um fator de cegueira intelectual, que decreta a morte da vida e que revela uma razão irracional. A ponto de o
20 especialista não saber nem mesmo aquilo que acredita saber. Essas “ilhas” epistemológicas, dogmática e criticamente ensinadas, são ciumentamente mantidas por estes reservatórios ou silos de saber, que são as instituições de ensino, muito mais preocupadas com a distribuição de suas fatias de saber, de uma razão intelectual a alunos que não têm fome. Este saber mofado, armazenado nessas penitenciárias centrais da cultura, que são as universidades, além, de ser indigesto e nocivo à saúde espiritual, passa a ser
25 propriedade de pequenos ou grandes mandarinos dominados pelo espírito de concorrência, de carreirismo e de propriedade epistemológica.

É por isso que o interdisciplinar provoca atitudes de medo e de recusa. Porque constitui uma inovação. Todo novo incomoda. Porque questiona o já adquirido, o já instituído, o já fixado e o já aceito. Se não questionar, não é novo, mas “novidade”. O conservadorismo universitário tem um medo pânico do
30 novo que questiona as estruturas mentais. É até compreensível essa resistência. Afinal, seria o interdisciplinar algo sério? Podemos conhecer tudo? Não levaria a um novo tipo de enciclopedismo? Não conduziria a conhecimentos superficiais, desprovidos de critérios de objetividade? O que se encontra em jogo, no fundo, é certa concepção do saber, é todo o modo de se conceber sua repartição e o processo de seu ensino. Porque o interdisciplinar aparece como um princípio novo de reorganização das disciplinas
35 científicas e de reformulação das estruturas pedagógicas de seu ensino.

Evidentemente, não se trata de tentarmos buscar uma superdisciplina ou uma espécie de super-ciência capaz de dar conta da complexidade dos problemas. Os “óculos” de uma disciplina são totalmente impotentes para estudar os problemas em sua complexidade. Creio ser ilusória a atitude pretendendo que
40 uma abordagem interdisciplinar construirá uma nova representação do problema que seria muito mais adequada no absoluto, vale dizer, independentemente de todo critério particular. Por exemplo, não é verdade que a pura associação de abordagens da biologia, da psicologia, da sociologia, etc. pode nos fornecer uma “ciência” interdisciplinar da saúde e que seria mais adequada, mais objetiva e mais universal, pois examinaria muitos mais aspectos do problema. Tal abordagem interdisciplinar não cria uma espécie de “super-ciência” mais objetiva que as outras. Ela simplesmente produz uma nova abordagem, uma nova
45 disciplina, um novo paradigma. Portanto, ao tentarmos criar uma “super-abordagem”, apenas recriamos uma nova abordagem particular. É assim que nascem as novas disciplinas.

Abordando a idéia da interdisciplinaridade como “super-ciência”, como um novo discurso indo além das disciplinas particulares, consideremo-lo como uma “prática” específica em vista dos problemas concretos.

50 Nesta perspectiva, o que se busca é produzir um discurso e uma representação práticos e particulares dizendo respeito aos problemas concretos. Diante desses problemas, confrontamos e fazemos interagir os pontos de vista ou os discursos das várias disciplinas: sociologia, medicina, antropologia, psicologia, etc. O

objetivo não é o de criar uma nova disciplina científica nem tampouco um discurso universal, mas o de resolver um problema concreto. Nessas condições, as práticas interdisciplinaridades podem ser consideradas como negociações entre pontos de vista, entre projetos e interesses diferentes.

A grande diferença entre essas duas perspectivas consiste em que a primeira, ao pretender congregiar diferentes disciplinas num processo pretensamente neutro, dissimula e mascara as questões propriamente “políticas” da interdisciplinaridade: Qual a disciplina mais importante, articuladora e dominadora? Qual o especialista que terá a última palavra e que exercerá o poder? Como será tomada a decisão? E por quem? Na segunda perspectiva, ao contrário, a interdisciplinaridade percebida como uma “prática” eminentemente política, vale dizer, como uma negociação entre diferentes pontos de vista tendo por objetivo decidir uma representação considerada como adequada em vista de uma ação. Sendo assim, não podemos utilizar mais critérios exteriores puramente “racionais” para escolher e “dosar” as diferentes disciplinas que vão se interagir; nem tampouco para escolher os “especialistas” e determinar as regras do jogo. Nas tomadas de decisão, precisamos aceitar confrontos de distintos pontos de vista que não utilizam nem os mesmos critérios nem os mesmos pressupostos. Porque, em última instância, essas decisões não decorrem tanto de conhecimentos, mas de opções éticas e políticas. Isto é muito importante, para que a interdisciplinaridade não se converta num mero instrumento de um poder tecnocrático fazendo as decisões dependerem unicamente de negociações entre “experts”, longe de qualquer debate democrático.

Sabemos que o trabalho interdisciplinar propriamente dito supõe uma interação das disciplinas, uma interpenetração ou interfecundação, indo desde a simples comunicação das idéias até a integração mútua dos conceitos (contatos interdisciplinares), da epistemologia e da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da pesquisa. É imprescindível a complementação dos métodos, dos conceitos, das estruturas e dos axiomas sobre os quais se fundam as diversas disciplinas. O objetivo utópico do interdisciplinar é a unidade do saber. Unidade problemática, sem dúvida. Mas que parece construir o ideal de todo saber pretendendo corresponder às exigências fundamentais do espírito humano. Ao surgir, não somente como remédio para todos os males da ciência moderna, mas como a grande riqueza e a possibilidade mesma da modernidade, o interdisciplinar cada vez se impôs como o grande princípio de organização dos conhecimentos, vale dizer, de sua orquestração, a unidade devendo prevalecer sobre a pluralidade.

Todavia, em nosso atual sistema educacional, é praticamente inexistente a prática interdisciplinar, tanto no campo do ensino quanto no da pesquisa. O que existe, e assim mesmo numa escala reduzida, são encontros pluridisciplinares. E estes são muito mais frutos de uma imaginação criadora e combinatória, sabendo manejar conceitos e métodos diversos, dando origem a combinações imprevistas, do que algo instituído. Mesmo assim, tais encontros se realizam como práticas individuais. Práticas de indivíduos abertos e curiosos, com o sentido da aventura, que não têm medo de errar, que fazem da imprudência um método, que não buscam nenhum porto seguro e que se afirmam por um solene anti-autoritarismo e por um contundente anti-dogmatismo. Vejo no dogmatismo de um saber definitivo, acobertado pela etiqueta “objetivo”, ou pelo rótulo, “verdadeiro” um dos sintomas de uma ciência em estado de agonia. A este respeito, diz F. Jacob: “Não é somente o interesse que leva os homens a se matarem. Também é o dogmatismo. Nada é tão perigoso quanto a certeza de ter razão. Nada causa tanta destruição quanto a obsessão de uma verdade considerada como absoluta. Todos os crimes da história são consequência de algum fanatismo. Todos os massacres foram realizados por virtude em nome da religião verdadeira, do racionalismo legítimo, da política ideal, da ideologia justa: em suma, em nome do combate contra a verdade do outro, do combate contra *Satã*” (*Le jeu des possibles*).

Ora, um saber que não se questiona constitui um obstáculo ao avanço dos saberes. A pretensa maturidade intelectual, orgulho de tantos sistemas de ensino, constitui apenas um obstáculo entre outros. A famosa cabeça bem arrumada, bem feita, bem estruturada e objetiva, não passa de uma cabeça mal feita, fechada, produto de escola e de modelagem. Por isso, trata-se de uma cabeça que precisa urgentemente ser refeita. E o interdisciplinar ajuda a se refazer essas cabeças bem feitas. Pois cultiva o desejo de enriquecimentos por enfoques novos, o gosto pela combinação das perspectivas e alimentam o gosto de ultrapassagem dos caminhos já batidos e dos saberes já adquiridos. Nós não nascemos com cérebros “desocupados”, mas inacabados.

A sociedade e a escola pretendem ocupá-los pela instrução, pelo ensino e pela linguagem. Onde a necessidade de se psicanalisar os educadores, a fim de que possam ser agentes que despertem, que provoquem, que questionem, e não se reduzam ao papel de disciplinadores intelectuais, de capatazes da inteligência ou de simples revendedores de um saber-mercadoria. O professor que não cresce, que não

estuda, que não se questiona, que não pesquisa, deveria ter a dignidade de aposentar-se. Porque já é portador de paralisia intelectual ou de esclerose precoce. Deveria também aposentar-se aquele que prefere as respostas às questões, que prefere ensinar a pesquisar.

Enquanto prática coletiva, creio ser inexistente o interdisciplinar em nossas universidades. O que é uma pena. Porque, entre outras vantagens, viria revelar a indissociabilidade entre ensino e pesquisa. Viria também mostrar a fragilidade da distinção esquizofrênica entre “pesquisa pura” e “pesquisa aplicada”. Ademais, ao questionar os conhecimentos adquiridos (tidos por objetivos) e os métodos aplicativos, viria transformar as universidades: de um lugar de transmissão ou de reprodução de um saber pré-fabricado, num lugar onde se produz coletiva e criticamente um saber novo. Contrariamente ao sistema clássico de ensino em vigor, que se instala num esplêndido isolamento e institui um saber pasteurizado e mofado, com um sistema puramente hierárquico e monárquico, o sistema interdisciplinarizado viria superar o corte universidade/sociedade, universidade/vida, saber/realidade. Ademais, instauraria uma nova relação entre educadores e educandos.

Mas é ilusório pensar que uma lei ou um conjunto de medidas administrativas possam colocar um paradeiro a hábitos tão arraigados, a rotinas e estruturas mentais tão solidamente estabelecidas. Onde a necessidade de se psicanalisar os educadores e de se criar instituições dotadas de estruturas flexíveis, capazes de absorver novos conteúdos e de se integrar em função dos verdadeiros problemas. O de se adotar métodos fundados, não na distribuição dos conhecimentos estocados, mas no exercício de aptidões intelectuais e de faculdades psicológicas voltadas para a pesquisa do novo. Mas nada será feito de durável, nesse setor, se não estiver fundado na adesão profunda de alguns e numa série de experiências inovadoras concretas, empenhando o papel de catalizadores e de núcleo de inovação.

A este respeito, o interdisciplinar constitui um motor de transformação capaz de restituir vida às nossas mais ou menos esclerosadas instituições de ensino. Para tanto, mil obstáculos (epistemológicos, institucionais, psico-sociológicos, psicológicos, culturais, etc.) precisam ser superados. Por exemplo: a situação dos “mandarinatos” no ensino e da pesquisa, inclusive na administração (cargos para os mais medíocres); o peso da rotina; a rigidez das estruturas mentais; a inevitável inveja dos conformismos e conservadorismos em relação às idéias novas que seduzem (ódio fraterno); o positivismo anacrônico que, preso a um ensino dogmático, encontra-se à míngua de fundamentação teórica; a mentalidade esclerosada de um aprendizado apenas por entesouramento; o enfeudamento das instituições; o carreirismo buscado sem competência; a ausência de crítica dos saberes fragmentados, etc. Todavia, o interdisciplinar deve responder a certas exigências: a criação de uma inteligência e de uma razão aberta, capazes de formar uma nova espécie de cientistas e de educadores, utilizando uma nova pedagogia, etc. O candidato a ingressar numa aventura interdisciplinar deveria preencher, entre outros, os seguintes pré-requisitos:

- ter a coragem de, todo dia, dizer a seguinte oração: “Fome nossa de cada dia nos dai hoje”;
- ter a coragem de devolver, à sua razão, sua função turbulenta e agressiva;
- ter a coragem de, no domínio do pensamento, fazer da imprudência um método;
- saber colocar questões, não buscar respostas;
- não perguntar ou “pensar” antes de estudar;
- estar consciente de que ninguém se educa com idéias “ensinadas”;
- não ousar fazer experiências que não sejam iluminadas pela razão, porque, do contrário, elas não merecem ser tentadas;
- ter coragem de sempre fornecer à sua razão, razões para mudar;
- não cultivar o gosto pelo “porto seguro” ou pela certeza do sistema, porque nosso conhecimento nasce da dúvida e se alimenta de incertezas.

Gostaria de concluir indicando três novas pistas do interdisciplinar:

1. A construção de “ilhas de racionalidade”. Como problema novo, o interdisciplinar pressupõe a existência de disciplinas. A este respeito, tornou-se corrente a separação entre duas correntes do pensamento científico: de um lado, a corrente dos engenheiros, dos médicos, dos arquitetos, etc.; do outro, a corrente dos cientistas das faculdades de ciências. Chamarei a primeira de “ciência engajada”, e a segunda de “ciência disciplinar”. Uma visa a solução dos problemas em sua globalidade concreta, isto é, em seu contexto concreto e social, ao passo que a outra visa sua solução no contexto das disciplinas. As “ciências engajadas” partem das questões postas na existência cotidiana para construir,

em torno dela, uma espécie de “ilha de racionalidade”, vale dizer, uma representação teórica buscando seus elementos de saber em várias disciplinas. Por exemplo, para construir uma ilha de racionalidade em torno da questão da “isolamento” de uma casa, fazemos intervir noções provenientes da física, da economia, do direito, das práticas das companhias de seguro, da higiene, da ecologia, da ética, etc.

165 Construir uma ilha de racionalidade em torno de um problema concreto é um trabalho Interdisciplinar. Ora, a aprendizagem da capacidade de empreender abordagens teóricas interdisciplinares desse tipo merece estar no centro da formação de nossa população no espírito científico (talvez até mais que o mero ensino das disciplinas). Ela permite a formação cultural da população, levá-la a participar ativamente da cultura científica. Numa palavra, leva a população a se tornar científica e tecnologicamente alfabetizada. Para que alguém se torne alfabetizado cientificamente, não basta estar de posse de certos conhecimentos científicos. É preciso que tais conhecimentos sejam compreendidos em ligação com outras noções, provenientes de diversas disciplinas, indispensáveis à abordagem dos contextos concretos (ex. isolamento térmico de uma casa). Em outras palavras, uma pessoa alfabetizada cientificamente é alguém capaz de construir uma ilha de racionalidade, ou seja, um modelo interdisciplinar susceptível de esclarecer uma situação precisa; é alguém capaz de utilizar conhecimentos provenientes de várias disciplinas para resolver certas questões e de saber como e quando consultar os especialistas, sem ficar totalmente subordinado aos “experts”.

2. A tendência de ser substituído pela “ideologia” sistêmica. Em contraste com a crescente especialização da ciência moderna, a teoria geral dos sistemas (um sistema é um conjunto de componentes em estado de interação) vem nos propor um tipo de organização e de integração dos conceitos científicos. Usando a linguagem da filosofia natural, diria que está cada vez se impondo, em contraste com o mundo como caos, uma concepção do mundo como organismo ordenado: Ilustra essa evolução o aparecimento de uma série de novas disciplinas: teoria geral dos sistemas, cibernética, informática, teoria das decisões e dos jogos, etc. Elas diferem quanto a seus pressupostos básicos, seus modelos, suas técnicas matemáticas e suas intenções. Mas todas estão de acordo em ser “ciências de sistemas” ou “modelos interdisciplinares”. Seus conceitos e modelos, derivados das ciências biológicas e do comportamento, são essencialmente interdisciplinares e aplicáveis a distintos campos. Duas são suas tendências básicas:

190 a. a tendência mecanicista está relacionada com as inovações tecnológicas, industriais e sociais, tais como as técnicas de controle, a automação, a aplicação de máquinas, computadorizadas e sua utilização com finalidades industriais, militares, governamentais, etc. A teoria subjacente é a da cibernética, robôs, computadores e “artefatos” semelhantes;

195 b. a tendência organicista afirma que o objeto do conhecimento é “uma coisa organizada”, por detrás da qual devemos buscar princípios e leis acerca da organização, integridade, ordenamento das partes e processos, interação multivariável, etc; com tudo isso, se criará uma teoria geral dos sistemas.

3. Nos dias de hoje, muitos cientistas, notadamente os “metafísicos” ou “místicos”, buscando uma nova aliança entre o homem e o mundo acreditam na possibilidade de unificação dos saberes, acreditam que ela será imposta do exterior, tendo por objeto a busca de estruturas universais. Trata-se de uma “organização-orquestração” comandada pela idéia de uma interação possível entre os saberes, realizada por uma espécie de “filosofia natural”. Estão convencidos de que, apesar da extrema especialização que a caracteriza a ciência contemporânea persegue um sonho de unidade capaz de transcender a ideologia do esfacelamento e da dispersão. Essas tentativas neo-unificadoras, contrárias à especialização e à setorização, se fazem acompanhar de projetos interdisciplinares mais ou menos místicos de reconciliação entre os saberes. Prigogine, por exemplo (cf. *La nouvelle alliance*), em sua visão do saber, concebe a interdisciplinaridade como uma espécie de “regente de orquestra” para unificar os saberes. Defende duas teses fundamentais:

210 a. É necessária uma comunicação entre a ciência e a filosofia. Elas são complementares. Devem se unir. Esta complementariedade da ciência e da não-ciência, aparecendo sob a figura de um novo enciclopedismo, responde à questão da legitimidade dos discursos científicos quando eles se aventuram num domínio extra-científico. Não somente tais extrapolações são autorizadas, mas são necessárias à nova visão científica do mundo. Temos aí uma concepção mais ou menos finalista ou escatológica do saber.

- 215 b. A interdisciplinaridade nos permite a abertura de um novo nível de comunicação e abandonar os
velhos caminhos da racionalidade tradicional. Doravante, temos o direito de “passar da ciência ao
sonho, e vice-versa”. É à natureza e às ciências da natureza que Deleuze faz apelo para descrever
os poderes da imaginação e escapar de toda referência ao homem da filosofia tradicional, sujeito
220 ativo, dotado de projetos, de intenções e de vontade. Portanto, ciência e não-ciência, ciência e
filosofia, sonho e filosofia, todos esses saberes precisam ser articulados. Nenhuma disciplina,
nenhum tipo de conhecimento, nenhum tipo de experiência deve ser excluído, nem a título de
meio nem a título de fim, desse projeto de reunificação do saber.

*Hilton Japiassu, pós-doutorado em Filosofia na França,
é professor adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro.*

*Texto base da palestra proferida no
Seminário Internacional sobre Reestruturação Curricular,
promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, em julho do 1994.*